



Escola de Formação '08

14, 15 e 16 de Março

**O FUTURO
é das
que lutam**



Escola de Formação '08 **O futuro é d@s que lutam**

Mais um ano, e já alcançamos desta volta a quinta edição, a juventude independentista programa a Escola de Formação.

Como nas três edições anteriores, voltam ser as organizações juvenil e estudantil do Movimento de Libertação Nacional Galego, BRIGA e AGIR, quem convidam a militantes, simpatizantes, amigos e amigas, a participarmos no encontro anual de convivência e formação autoorganizado e autogerido pela mocidade independentista e revolucionária.

Após os inesquecíveis sucessos das edições de Cervo, Salvaterra do Minho, Narom e Oleiros, AGIR e BRIGA tencionamos dar a esta V Escola de Formação, um novo pulo com o galho do seu simbólico aniversário.

Ainda, este quinto ano de juntaça fazemos um esforço especial por implicar o maior número possível de jovens, esperando atingir umha cifra o mais elevada possível, que faga com que sejamos mais e mais os e as moças da Galiza que nos conheçamos, falemos, dialoguemos, discutamos, e coesionemos o projecto da esquerda independentista galega.

Um projecto que, empurrado pela juventude rebelde, tem muito a dizer na Galiza do futuro. Essa Galiza que dia após dia construímos nas aulas, nas escolas, nos centros de trabalho, entre @s amig@s, nas ruas, nas praças, nos bairros...

Os dias 14, 15 e 16 de Março, o Sul da Galiza acolherá dúzias de jovens convocad@s por AGIR e BRIGA para dar mais um passo à frente na luta nacional e social de género.

Une-te, participa! A juventude galega temos o futuro nas nossas maos. Pom as tuas ao labor.

Diversidade afectivo sexual: orientações sexuais

· Lucía Vázquez Muñiz e Ângelo Meraio

Objectivos propostos:

- Aclarar os termos “sexo biológico-orientación sexual- género-identidade sexual” quanto às suas definições e diferenças.
- Facilitar o reconhecimento das situações de discriminação por causa da orientação sexual (homofobia) e buscar formas de evitá-la.
- Reflexionar sobre o preconceito romper com os estereótipos e analisar as causas da homofobia relacionando-a com o género o sistema patriarcal e o heterocentrismo.
- Compreender as dificuldades pessoais e sociais a que se enfrentam as pessoas que tenham umha orientação sexual minoritária distinguindo a problemática das lésbicas, da dos homens homossexuais e a das pessoas bissexuais.
- Reflexionar sobre critérios de actuação frente à homofobia.

Programa:

- Questionário de opinião sobre identidade e orientação sexual (documento 1) a preencher individualmente e de forma anónima.
- Apresentação.
- “sexo – género – orientação – identidade”- “transexo – transgénero”: definição dos termos.
- Inquérito individual: “Mundo ao revés”.(documento 2)-- Análise do heterossexismo.
- Dinâmica visibilidade: por grupos completar a tábua (documento 3).
A partir da tábua:
- reflectir sobre a invisibilidade lésbica, e os estereótipos e a influência do machismo na homofobia e do feminismo na evolução do movimento LGBT.
- Reconhecimento de situação de discriminação e análise das possíveis causas e valorização da situação actual.

- Análise dos critérios de actuación frente à homofobia:
- Evitar heterocentrismo
- Empatia com o contorno
- Educaçom em valores e diversidade.

ATURUXO

Federaçom de asociacións LGBT da Galiza

Heterossexismo e libertação sexual O orgulho da diversidade frente a violência do patriarcado

· Ângelo Meraio

No ano em curso, 2007, na Galiza e no conjunto de Estado espanhol o movimento LGBT ainda sofre a ressaca "pós-casamento". A modificação de uma legislação que discriminava por motivos de orientação sexual e mantinha um status diferente para os casais homem/mulher aos homem/homem ou mulher/mulher em primeiro lugar. A aprovação de uma lei de "identidade de género" que permite o reconhecimento oficial do género real das pessoas transexuais em segundo. Comocionáram teatralmente a sociedade e ilusionáram uma comunidade LGBT que enxergou a miragem da igualdade real, da erradicação da diferença, algumas e alguns até sentiram a ilusom da superação do preconceito.

Sem desvalorizarmos o interesse estratégico desta equiparação de direitos civis e sem entrarmos a divagar sobre o rejeitamento da instituição do casamento, é importante, é responsabilidade do movimento pela libertação sexual definir objectivos e metas claras que nom perdam o norte, o combate frontal da homofobia, ou melhor da lesbigaytransfobia.

É ainda, responsabilidade da esquerda e do movimento antipatriarcal integrar as reivindicações de lésbicas, gays e transgéneros e superar as dificuldades e desconfianças que a comunidade LGBT ainda desperta.

Estes receios derivam, em primeiro lugar, de um mal endémico. A falta de consciência sobre a realidade sexual humana, o rechaço e incompreensom mais ou menos activo e/ou violento da diversidade e a ainda a carência geral de assunção da heterossexualidade como ideologia opressora, como arma do patriarcado juntamente da construção do género.

Há relativamente pouco tempo que a ciência médica abriu de maneira nada afortunada o binómio hetero/homo, foi no século XIX quando os termos heterossexual e homossexual começaram a ser usados com normalidade. Foi a partir da consideração da homossexualidade como doença, consideração que só no ano 1990 foi retirada pela OMS da sua listagem de afecções psiquiátricas. É sobre esta contra-

diçom homo/hetero que na nossa sociedade capitalista ocidental é criada a falsa consciência sexual e o encaixotamento de todos os nossos sentimentos, afectos e prazeres nesses dous minúsculos rótulos nos quais nom entra nem o mais mínimo da diversidade sexual humana. Da mesma maneira antes, o patriarcado tinha criado os papéis de género, atribuindo de maneira igualmente artificial características limitadas a cada um dos dous sexos biológicos e construindo assim a primazia e o domínio violento do homem sobre a mulher.

No caso que nos corresponde agora, heterossexual/homossexual, evoluímos da consideração geral de doença e/ou crime à equiparação cada vez maior de direitos civis. Falamos, em todo o momento, no chamado "mundo ocidental", é preciso lembrarmos que a homossexualidade ainda é crime em 75 países do mundo, pagado com penas de prisom (nalguns casos perpétua) e até com a própria morte.

Porém, a heterossexualidade, a ideologia, nom a tendência sexual, é considerada e sentida moralmente superior pola grande maioria da nossa sociedade. As atitudes individuais vam do total rechaço: ódio irracional e cruel que provoca a violência homofóbica; à total indiferença por se acreditar livre dessa opressom. Passando ainda, pola simples incompreensom de umha luta, LGBT, que é vista como inecessária ou até ridícula por quem nom padece a opressom directamente nas suas carnes.

Esta confusom aberta, vê-se agudizada polo alto grau de banalização e desideologização que a comunidade LGBT padece. Com umha crescente desvirtuação e mercantilização do movimento, que se centra principalmente no hedonismo gay (homossexual masculino) que cria umha imagem estereotipada do homossexual: Jovem de corpo "perfeito" de ginásio, gostos requintados, fashion-consumista e com alto poder aquisitivo. Este é o produto em que o capitalismo converteu as reivindicações LGBT. De umha óptica machista, como nom podia ser doutra maneira.

A virtualidade deste produto nom podia ser mais contrária à realidade social de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais: gordos/as e magras/os, novas/os e velhos, ricas/os e pobres... mas principalmente trabalhadoras e trabalhadores, polo simples facto de ser esta a maioria da nossa sociedade. Som precisamente as e os eleguebetês, as do povo trabalhador quem sofrem o heterossexismo e a homofobia mais cruamente com deficiência de recursos sociais e económicos para o outing o simples acesso a "vias de escape". em tantíssimos casos umha sexualidade e afectividade que nom lhes é própria, umha vida alheia e/ou um corpo com o qual nom se identificam. Somemos esta opressom às outras conhecidas e referidas.

As lésbicas entretanto sofrem duplamente enquanto mulheres, vítimas da violência machista e enquanto lésbicas, atacadas por um heterossexismo que as torna invisíveis como pessoas e nega e desconsidera a sua sexualidade.

Com a triste identificação geral de relação sexual ("foder") com penetração, o sexo lésbico é visto como um "jogo erótico inocente" desvirtuado na pornografia machista heterossexual, que só existe para a delícia dos machos que desconhecem por completo que as mulheres nom precisam de um pénis, nem de sucedâneos, para terem umha relação sexual completamente plena. Eu até me atreveria a dizer que as relações sexuais lésbicas som numha imensa maioria mais prazenteiras

que as das mulheres heterossexuais.

E o que acontece com as e os transgéneros? Enquadremo-nos, antes de mais, na grave confusom e falta de informaçom-educaçom, ou melhor, na visom ignorante e interesseiramente deturpada sobre os nossos corpos. Consciência inculcado com a inestimável ajuda, nom queria deixar de falar nisto, da Igreja Católica no concreto, e dos valores (i)morais da tradiçom judaico-cristã no geral.

A transexualidade ainda é vista como um "caso extremo" do "problema homossexual". Género, sexo biológico e orientaçom sexual misturam-se com a ignorância como fundo, oferecendo como resultado a incompreensom, a discriminaçom, a marginalizaçom, a exclusom social.

A construçom do género masculino/feminino, que aplica um papel artificial a cada sexo biológico traz consigo a violênciamachista contra as mulheres e portanto agride aos e especialmente às transexuais. Pessoas que decidem corajosamente construir o seu próprio género, o que sentem como próprio. A transexualidade é sentida como extremamente transgressora, por atacar em várias frentes as débeis e virtuais construçoms do patriarcado sobre os nossos corpos e as nossas mentes. A contestaçom é violenta, sendo as transexuais excluídas e marginalizadas da sociedade, conduzidas em muitos casos ao exercício da prostituçom nas condiçoms mais deploráveis. Som, sem dúvidas, as mulheres transexuais as que se encontram no patamar mais baixo da opressom, as que sofrem mais terrivelmente a violênciam homofóbica, ou melhor, transfóbica.

Nom quero deixar de mencionar aqui um exemplo da mais extrema das violências contra umha pessoa. Gisberta: imigrante, sem-abrigo, transexual, toxicodependente, trabalhadora do sexo, seropositiva e tuberculosa. Torturada e violada com paus no ânus durante um período de três dias para depois ser atirada para um poço e deixada morrer numha obra abandonada. Crime de ódio acontecido em Abril de 2006 no Porto e que tem como autores 15 jovens (14 deles menores), os quais se encontravam sob a responsabilidade de umha instituçom dependente da Igreja. Crime que, mais de um ano depois, está impune.

Isto é com o que se enfrenta o movimento LGBT, porque a homofobia nom é um simples preconceito e a heterossexualidade nom é umha simples orientaçom sexual. Cumpre umha resposta forte e combativa, que nom se limite ao meramente folclórico a tímidas reivindicaçoms limitadas por complexos completamente entendíveis mas que necessitamos superar já.

As lésbicas, os gays, as/os bissexuais e as/os transexuais devemos deixar de umha vez para sempre de pedir permissom, aceitaçom, tolerância a quem nos exclui e acredita na sua superioridade moral, a quem beneficia das vantagens da sua superioridade social. Devemos deixar esta modéstia forçada de lado para convertermo-nos em autênticas e autênticos agentes da (re)construçom da realidade.

Porque a nossa forma de sentir e amar, os nossos afectos e prazeres som dignos e bons. Porque a sexualidade humana é, felizmente, muito mais diversa que esses rótulos "gay", "lésbica", "bissexual", "transexual", "hetero", ... sob os quais somos obrigadas a encaixotar-nos. Rótulos, no entanto, que hoje temos de defender com firmeza e portar com ORGULHO.

O futuro é d@s que lutam

11



www.agir-galiza.org



www.briga-galiza.org